

O MAPEAMENTO COLABORATIVO COMO FERRAMENTA DE AUTONOMIA: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA OS ALUNOS DA ESCOLA PÚBLICA.

CAMILA PAULA DE SOUZA¹; LIZ CRISTIANE DIAS².

¹*Universidade Federal de Pelotas – camiladageo@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – liz.dias@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo visa problematizar uma proposta metodológica diferenciada, que utiliza a cartografia social, por meio do mapeamento colaborativo realizado por alunos. O intuito é demonstrar que a cartografia assume o papel de instrumento de autonomia, pois visa ressaltar aspectos dos interesses dos mesmos que a executam, neste caso dos alunos.

O objetivo dessa pesquisa é a partir do mapeamento colaborativo viabilizar uma maior compreensão sobre a dinâmica espacial, tendo como protagonistas desse processo os alunos e os seus respectivos espaços de vivência escolar, considerando as reivindicações da melhoria do espaço escolar e colaborando para solucionar de forma coletiva os problemas de caráter espacial encontrados na escola em apreço. Sendo assim, o mapeamento colaborativo propõe uma autonomia por parte dos alunos de modo que percebam uma outra forma de analisar os conceitos da Geografia.

Segundo os argumentos dos autores Wiegand (2006) e Castner (1987), citado por Oliveira (2011, pg. 171), é preciso pensar em uma outra forma de ensinar a cartografia em sala de aula, e que uma das provocações acerca dessas transformações parte da concepção que se tem de leitura do mapa, ou seja é necessário considerá-lo a partir de três práticas: ler, analisar e interpretar. A prática de ler o mapa consiste em obter suas informações, a análise seria o aprofundamento da cartografia e a interpretação consiste na aplicação de informações obtidas anteriormente para se pensar em soluções.

A prática de ler o mapa do mapeamento colaborativo seria explorar ainda mais o campo dos elementos básicos da cartografia e elementos espaciais que os alunos gostariam de incluir nesse mapeamento, sendo assim, alcança-se um objetivo por parte dos alunos em reconhecer a cartografia em seu espaço de convívio.

Segundo Almeida et al. (1996), citado por Oliveira (2011, p.169) em uma coleção didática sobre o ensino de mapas para escolares, a Cartografia ao longo do tempo produziu uma linguagem sofisticada que requer uma verdadeira iniciação por parte do usuário do mapa. As dificuldades das pessoas com os mapas se dá, principalmente, pelo fato de que a compreensão da linguagem cartográfica exige um ensino e aprendizagem adequados durante a fase de escolarização, o que nem sempre acontece nas aulas dos anos iniciais do ensino fundamental.

Em relação aos elementos contidos em um mapa, isso pode gerar dificuldade de compreensão pois a linguagem cartográfica possui uma linguagem rebuscada e muitas vezes de difícil compreensão para os alunos, e nesse sentido se faz necessário uma decodificação da linguagem cartográfica para que a mesma seja melhor compreendida. Isso não significa romper com a linguagem

sofisticada, mas sim compará-las de forma a potencializar o conhecimento sobre a cartografia.

Portanto, é notável o quanto a cartografia pode ser analisada levando em consideração o cotidiano dos alunos por meio do mapeamento colaborativo, além disso, a cartografia pode também ser utilizada com outras ferramentas metodológicas como: a fotografia, a história em quadrinhos, textos jornalísticos, letras de músicas e do cotidiano vivido se aproximando do que denominamos cartografia social.

Nesse sentido, o mapeamento colaborativo opera-se no propósito de fazer sentido a cartografia no cotidiano dos alunos, e principalmente a participação dos mesmos em um processo de criação de um mapa.

2. METODOLOGIA

A atividade se dividirá em três momentos com duração média de cada um de aproximadamente uma hora e meia. No primeiro momento, se utilizando de uma bússola, será realizado pelos alunos um mapeamento sobre os espaços de convívio escolar por meio de caminhada dentro da mesma, e em uma folha A3 os alunos deverão desenhar uma imagem de como enxergam a escola, levando em consideração alguns elementos básicos de um mapa como por exemplo: a rosa dos ventos. Nessa caminhada os alunos serão indagados sobre como poderíamos pensar em melhorias na infraestrutura do ambiente escolar.

No propósito de fomentar uma análise crítica desses mapas criados pelos alunos, esses mapas serão estimulado na forma de mapas mentais.

“Os mapas mentais ou os desenhos são representações em que não há a preocupação com a perspectiva ou qualquer convenção cartográfica. O aluno pode usar a criatividade ou estabelecer convenção cartográfica. O aluno pode utilizar sua criatividade ou estabelecer critérios junto com a classe, pois as representações ocorrem a partir da memória. Reconhecer o local de vivência, localizar os objetos, saber se deslocar e identificar as direções são conteúdos elementares que deseja, os mapas mentais são representações que revelam os valores que os indivíduos têm dos lugares, dando-lhes significados ou sentido ao espaço vivido.” (CASTELLAR, 2010. p. 25).

O segundo momento consiste na elaboração dos dados referenciados pelos alunos nos mapas construídos no primeiro momento, e também em um diálogo a respeito sobre as impressões dos alunos sobre a atividade realizado no primeiro momento. Essa segunda etapa consiste em problematizar esses espaços levando em consideração melhorias do ambiente escolar apontadas pelos alunos, e também consiste em uma elaboração a partir dos mapas realizados uma projeção de espaços que gostariam que existissem na escola, transformando em um lugar agradável de estudo e convívio, também nessa projeção “construída” será dada atenção aos costumes culturais e habilidades de alguns, como por exemplo a projeção de algumas salas como: uma sala de música, de danças, de arte, entre outras propostas.

Por fim, num terceiro momento visa-se promover uma reunião com os demais professores, coordenadores pedagógicos e a direção, para assim apresentar o projeto que foi desenvolvido por esses alunos e dar visibilidade a esse trabalho desenvolvido por cada um com suas percepções sobre o espaço escolar, no intuito de que todos os membros da composição escolar observem os apontamentos sobre a dinâmica desse espaço percebidas pelos próprios alunos munidos de um documento didático, que serão os mapas.

4. CONCLUSÕES

A cartografia em determinado período da história passou a ser um instrumento de dominação entre as nações, nesse sentido é possível notar que a cartografia foi utilizada com o propósito de hegemonias em relações de poder. Santos (2011, p. 2) aponta que a cartografia utilizada por grupos “desfavorecidos” pode se transformar em um instrumento de luta de movimentos sociais, na qual sua utilização modifica o seu objeto cartográfico e o seu processo de produção do objeto.

Portanto, essa proposta metodológica tem como intuito fazer com que os alunos reflitam sobre como a cartografia pode ser um elemento tão presente em seus cotidianos e que não se limita somente a legendas e escalas, além dos domínios de uma cartografia básica o aluno pode pensar numa cartografia diferenciada que leve em consideração suas indagações. Além disso, na perspectiva de uma cartografia que seja um instrumento de fortalecimento de articulações e luta de grupos, é que se remonta, então, essa proposta metodológica, onde de fato os alunos serão um grupo estruturado na investigação de um mapeamento colaborativo, que propõe a construção de um documento cartográfico por meio da sua visão de mundo, para que assim sejam protagonistas de uma cartografia feita por eles e para eles.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Asociación de proyectos comunitários. Popayan (2005). **Fortalecimiento de las organizaciones pertenecientes a la asociacion de proyectos comunitários.** A.p.c. Extraído de http://www.asoproyectos.org/doc/Modulo_0_Territorio.pdf.

ALMEIDA, R. D. et al. **Atividades cartográficas.** São Paulo: Atual, 1996.

CASTELLAR, Sônia. **Ensino de Geografia** / Sônia Castellar, Jerusa Vilhena. – São Paulo : Cengage Learning, 2010. – (coleção ideias em ação / coordenadora Anna Maria Pessoa de Carvalho.

CASTNER, H. W. **Education through mapping: a new role for the school atlas?** In: **Cartographica**, n. 24, p. 82-100, 1987.

OLIVEIRA, A. R. **Construir uma Didática da Geografia e Cartografia: entre linguagem cartográfica, cultura, saberes e práticas docentes.** In: CALLAI, Helena Copetti. Org. Educação Geográfica: reflexão e prática. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.

SANTOS, Renato Emerson dos. **Ativismos cartográficos: notas sobre formas e usos da representação espacial e jogos de poder.** Revista Geográfica de América Central. Número Especial EGAL, 2011- Costa Rica. II Semestre 2011. Pág.1-17.

SOUZA, Camila Paula de. **Diálogo entre a rua e a escola: o Rap como instrumento na Cartografia.** Encontro de práticas de Geografia da Região Sul, 2014- Santa Catarina. II Semestre 2011. Pág. 1- 15.

TETAMANTI, Juan Manuel Diez et al. **Investigación e intervención desde las ciencias sociales, métodos y experiencias de aplicación.** 2012.

WIEGAND, P. **Learning and teaching with maps.** Abingdon, New York: Routledge, 2006.